

# Ministro propõe aumentar ano letivo para 200 dias

BRASÍLIA — O ministro da Educação, Carlos Sant'Anna, enviou a todos os dirigentes do Ministério da Educação (MEC) a redação final do novo Projeto-de-Lei de Diretrizes e Bases, que aumenta para 200 dias obrigatórios o ano letivo (atualmente são 180 dias). A decisão foi tomada pela Comissão de Redação e os dirigentes do ministério têm até amanhã para sugerir mudanças. A expectativa é de que seja mantida a exigência de 200 dias letivos.

"É uma tentativa de buscar a melhor qualidade do ensino", explicou o presidente do Conselho Federal de Educação (CFE), Gay da Fonseca, que apóia a medida. Fonseca não sabe se o maior número de dias letivos conduzirá necessariamente a uma melhor qualidade didática, mas acredita que seja o objetivo do MEC. "É suposto que esse tempo a mais seja usado na educação", diz.

O próprio CFE já enviou um projeto semelhante à Comissão de Educação e Cultura do Congresso Nacional, onde propõe os 200 dias letivos. O projeto definitivo do MEC será remetido à mesma comissão pelo ministro Carlos Sant'Anna no dia 8 de junho.

No Rio, o presidente da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (Anped), Osmar Fávero, defende que para aumentar a qualidade do ensino é preciso aumentar também a quanti-

dade de aulas, em posição oposta a de alguns professores, que afirmaram em reportagem publicada domingo no JORNAL DO BRASIL, ser necessário melhorar as condições de funcionamento da escola pública para, depois, pensar em mais carga horária.

"Sem mais dias e sem mais horas de aulas não há como ter um conteúdo melhor", afirma Fávero. Para a nova Lei de Diretrizes e Bases, a ser votada este ano, a Anped propõe um ano letivo com o mínimo de 200 dias e quatro horas diárias de aulas, com sessenta minutos de duração, fora o intervalo para o recreio. Fávero explica que as escolas, a rigor, só oferecem cerca de três horas diárias de aulas em três turnos. Com quatro horas, analisa, a possibilidade de se oferecerem os três turnos, durante o dia, continua mas "regularizados mais honestamente".

O professor Edgar Flecha Ribeiro, dono do colégio Andrews, também acha que se estuda pouco no Brasil e defende que se ofereça ao estudante "o maior tempo possível de exposição à escola". Para ele, se há mais aulas, um colégio ruim pode ficar melhor. "O ensino está ruim mas não a ponto de tornar a escola nociva ao aluno, para querermos que ele fique pouco tempo dentro dela. Muito pelo contrário", analisa.